



Catálogo

Abreviaturas

Alt.	Altura
Bot.	Designação botânica
Comp.	Comprimento
Diâm.	Diâmetro
Esp.	Espessura
Ind.	Indonésio
Larg.	Largura
Met.	Metade
Séc.	Século
Tét.	Tétum

Escultura de Crocodilo

A peça exposta, recolhida durante as campanhas da Missão Antropológica de Timor de 1953-54, simboliza um dos principais mitos difundidos em território timorense, que aqui se descreve, seguindo a versão publicada por Ruy Cinatti(1987, p.154-6): em Macassar, na ilha Sulawesi, vivia um crocodilo que, muito envelhecido, já não tinha velocidade suficiente para apanhar os peixes da ribeira. Não teve outro recurso senão aventurar-se em terra seca para procurar caçar cão ou porco que lhe matasse a fome. Andou, andou, mas nada topou. Resolveu regressar à ribeira, mas o caminho era longo e o sol ardia. Abrasado, o crocodilo sentiu que as forças lhe faltavam e que, mais passo menos passo, acabaria por morrer. Apareceu, por acaso, um rapaz que, com pena do crocodilo, entendeu ajudá-lo a retornar à ribeira. O crocodilo ficou-lhe muito agradecido, oferecendo-se para, a partir dessa altura, levar o rapaz às suas costas pelas águas dos rios e mares. No entanto, uma vez, apertado pela fome, o crocodilo decidiu comer o rapaz. Consultou para isso os outros animais que, da baleia ao macaco, o acusaram de ingratidão. Perante a opinião geral e receando passar a ser mal tolerado, o crocodilo poupou o rapaz e decidiu partir com ele pelo mar fora. Nadou, em seguida, onda após onda, procurando as terras onde nasce o sol, convencido de que aí haveria de encontrar um disco de ouro semelhante ao sol. Cansado desta procura, pretendeu regressar às terras de origem, mas sentiu o corpo imobilizar-se e transformar-se em terra e pedra, crescendo, crescendo, até se transformar numa enorme ilha.



Crocodilo (tét. lafaek) voador

Timor Leste, Viqueque; meados séc. XX

Dimensões comp. 52; alt. 20 cm

Colecção Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,

Inv. 86.02.028

(recolha de António M. Almeida Júnior, 1954)



De chifre de búfalo; o artífice aproveitou a forma do chifre para esculpir a cabeça, o tronco e a cauda, recorrendo ainda ao desbaste e/ou à moldagem (aquecendo a matéria-prima para a amolecer) e ao recorte, como o atestam, respectivamente, as representações da parte superior da cabeça, da cauda e dos dentes; as quatro patas, a língua, as asas e a figura humana muito estilizada, constituem elementos separados que se fixam ao corpo principal por encaixes de secção circular ou rectangular; os olhos, acastanhados, são embutidos; a exuberante decoração, gravada, utiliza motivos geométricos e vegetais e a representação de pássaros, por vezes, combinados com embutidos circulares em osso; à peça pertencia um pequeno pássaro esculpido, hoje perdido e de que há apenas um registo fotográfico no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências, faltando também um elemento, representando os braços, que encaixava na parte anterior da figura humana (Almeida 1959, fig. 33, publica um exemplar completo de um “crocodilo voador” similar, mas com uma colocação diferente da figura humana e do pássaro).

Portas

As portas ricamente trabalhadas com elementos antropomórficos, zoomórficos e geométricos constituem um dos mais procurados elementos do património cultural tradicional timorense. São geralmente portas utilizadas nas casas sagradas (*uma lulik*) para cruzar o culto dos antepassados aos elementos icónicos que marcam o poder da linhagem. Animais míticos, lendas clânicas, cultos da fertilidade, geometrias naturalistas e abstractas representam-se nestas portas que variam também em função da posição, vertical ou horizontal, com que delimitam os diferentes acessos aos espaços sagrados das *uma lulik*. Nenhum objecto da cultura etnográfica timorense tem sido tão pilhado e falsificado, especialmente a partir da década de 1980, altura em que a multiplicação destas portas vem alimentando uma crescente procura museus e coleccionadores.



2 Painel de casa

Timor Leste, Los Palos; séc. XX

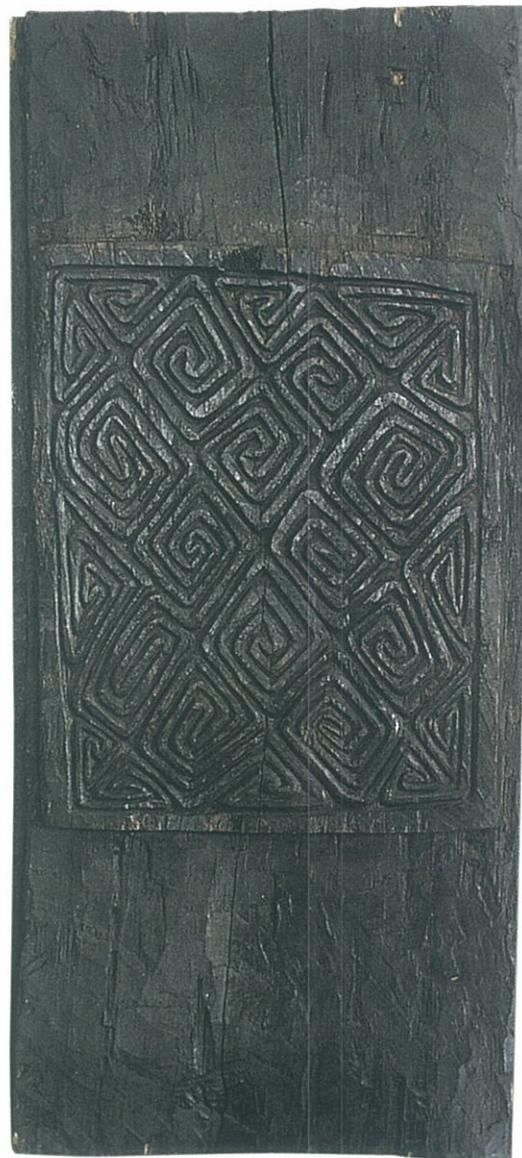
Dimensões alt. 99,5; larg. 45; esp. 4/6 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em mogno (tét. *ai saria*; bot. *Cedrela toona*); monóxila, de forma rectangular com um grande painel decorado, em relevo, com meandros.

Interpretações realistas discutíveis consideram que este tipo de representação geométrica imita o motivo da serpente, simbolizando os seus movimentos para fixar uma iconografia sagrada da linhagem local. Outras opiniões destacam a similitude com movimentos de imitação das ondas do mar. Não parece absolutamente indispensável procurar sempre, quase obrigatoriamente, uma leitura realista e naturalista para estas iconografias. Estas populações e culturas timorenses tinham também as suas próprias formas de abstracção, incluindo arte e iconografia abstractas, de consumo religioso e linhageiro.

Os ornatos geométricos utilizados apresentam uma grande variedade, conforme o atestam as diferentes manifestações artísticas timorenses, sabendo-se que há motivos característicos de determinadas regiões. A complexidade de alguns destes motivos fez com que alguns artífices utilizassem pequenas tábuas gravadas com diversos temas, que serviam de modelos para a execução de motivos decorativos (Vroklage 1952, est. XCI)



3 Porta de casa (tét. odanmatan)

Timor Leste, zona dos Belu (região central); séc. XX

Dimensões alt. 116,5 (painel 105); larg. 47; esp. 3/4 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); de forma rectangular com um grande painel central, em relevo, decorado com espirais geométricas; embutidas, na parte superior e inferior, duas peças esculpidas com dois seios de mulher e uma cabeça humana, respectivamente; ainda conserva puxador em corda de sisal.

Concretizando uma metáfora à fertilidade, os princípios masculino e feminino cruzam uma cara a uns seios muito representados nas produções artísticas tradicionais timorenses tanto em portas, janelas como nos grandes frisos das casas sagradas e de aparato.



4 Porta de celeiro (tét. odanmatan)

Timor Leste, Suai, Tilomar; séc. XX

Dimensões alt. 177,5 (painel 168); larg. 44; esp. 5,5 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Em pau ferro (tét. *ai besi*; bot. *Intsia bijuga*); monóxila, de forma rectangular, com uma extremidade adornada por duas cabeças de galo, muito estilizadas, recortadas na prancha de madeira; as duas cabeças e a superfície contígua com cerca de 26 cm de altura apresentam uma exuberante decoração geométrica, em relevo, de pontos, linhas e ziguezagues, dominada por três séries de losangos com ornatos similares e pela representação dos olhos dos galos.

Esta porta era utilizada como painel de tecto para fechar o espaço reservado a celeiro de arroz numa casa sagrada. A representação das cabeças de galo constituía uma forma de protecção da casa onde se guarda o arroz. O galo é um símbolo de masculinidade, poder, pelo que a porta ao encerrar um espaço reservado proibia e interditava a entrada nomeadamente às mulheres. O arroz recolhido nas casas sagradas era, depois, utilizado como oferenda em vários cultos e festividades dirigidas aos antepassados.



5 **Porta de casa (tét. odanmatan)**

Timor Leste, zona dos Belu (região central); séc. XX

Dimensões alt. 135 (painel 125); larg. 49,5; esp. 5 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em alstónia (tét. *ai hanek*; bot. *Alstonia scholaris*); monóxila, de forma rectangular com decorada em relevo constituída por um grande crocodilo, ladeado por dois mais pequenos, muito estilizados e, na parte superior duas cabeças humanas onde sobressai a representação das orelhas (máscaras?); ainda conserva um puxador de arame.

Esta porta, de uso recente, apresenta uma bellissima iconografia geométrica do tema do crocodilo muito semelhante aos motivos encontrados nos têxteis locais, testemunhando a intensa transacção artística entre escultores e tecelões, masculinos os primeiros e femininos os segundos.



6 Porta de casa (tét. *odanmatan*)

Timor Leste, Suai, Fohorem; séc. XX

Dimensões alt. 149 (painel 126,5); larg. 50; esp. 4 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); monóxila, de forma rectangular com três séries, esculpidas, de crocodilos rematados com um pássaro na boca; na zona central um puxador, esculpido, adornado com a representação de um homem, de pé, mas com as pernas ligeiramente flectidas, juntando as mãos sobre a barriga.

Esta porta apresenta uma composição iconográfica que recorda um dos mais populares mitos da origem de Timor: o mito do crocodilo (tét. *lafaek*) voador.



Estátuas

Produzidas em madeiras tropicais locais, geralmente em pau ferro ou pau rosa, a rica estatuária timorense divide-se funcionalmente em estatuária de exterior e de interior. A primeira engloba a estatuária de antepassados – regionalmente conhecida por ai-tos – maioritariamente formada por estátuas pares, masculina e feminina, toscamente esculpidas em madeiras duras para serem colocadas quer em montes, altares ou espaços sagrados de características teofánicas quer para guardar e proteger hortas e outros espaços agrícolas. Esta estatuária representa o culto dos antepassados fundadores da linhagem e sacraliza os espaços em que se implanta, especializando vários interditos e tabus, nomeadamente em direcção às mulheres e outros grupos sociais subalternos. Esta estatuária de exterior praticamente desapareceu de Timor Leste, em resultado de um processo complexo de aculturação e pilhagem combinando a cristianização, ocidentalização e dispersão do património tradicional. A estatuária de interior, mais variada, é formada pelas colecções de estátuas colocadas na grande sala da casa sagrada, atraindo cultos sacrais de diferente morfologia e calendário. Frequentemente, estas estátuas desciam das casas sagradas para receberem as ofertas cultuais, quase sempre em carne e arroz. Toda a estatuária timorense é dominada pelas figurações humanas e pelos pares femininos e masculinos, sendo a representação zoomórfica atirada para os grandes monumentos totémicos e, sobretudo, para outras manifestações artísticas, da escultura em corno de búfalo ou casca de coco à ourivesaria e têxteis, passando pela cestaria ou pela cerâmica, artes em que a figuração humana praticamente não existia.



7 | 8 Par de estátuas de antepassados (tét. ai-tos)

Timor Leste; séc. XIX (?)

Dimensões alt. 124 (homem) e 119 cm (mulher)

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Talhadas em tronco de casuarina (tét. ai-caqueu; bot. *Casuarina Junghuniana*); representam um casal de antepassados, tendo uma forma antropomórfica muito tosca, com as cabeças, bem definidas e com as faces côncavas, encimadas por um carrapito; no torso muito alongado ainda são tenuemente perceptíveis braços estendidos e colados ao corpo. Produzidas sempre em pares, simbolizando o casal originário da linhagem fundadora do território social, estes «ai-tos» especializaram interessantes motivos icónicos que, concentrados na representação da decoração da cabeça e na estilização do sexo, permitem distinguir o masculino e o feminino. As estátuas-poste representam os espíritos ancestrais que presidem a todas as cerimónias relacionadas com os trabalhos agrícolas, a caça, a pesca, a construção de uma casa ou a celebração de um casamento, zelando também pelo cumprimento das tradições pelos seus descendentes, infligindo castigos aos prevaricadores.



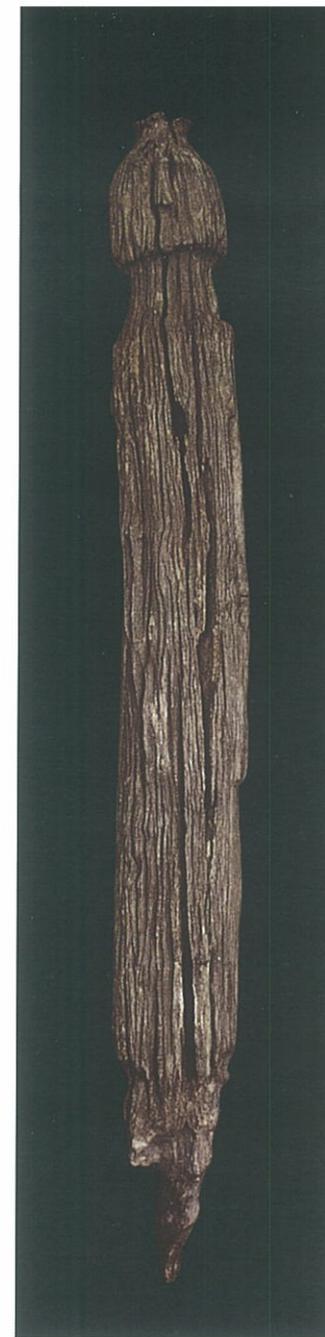
g Estátua de antepassado (tét. ai-tos)

Timor Leste; séc. XIX (?)

Dimensões alt. 140 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Talhada em tronco de casuarina (tét. ai-caqueu; bot. *Casuarina Junghuniana*), madeira muito dura; representa um antepassado da linhagem e os espíritos ctónicos que simboliza, tendo uma forma antropomórfica muito tosca, com a cabeça, bem definida, encimada por um carapito, característico neste tipo de estatuária; no torso muito alongado ainda são perceptíveis braços estendidos e colados ao corpo.



10 | 11 Par de estátuas de antepassados (tét. ai-tos)

Timor Leste; séc. XIX/XX

Dimensões alt. 149 (homem) e 157 cm (mulher)

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

Talhadas em tronco de casuarina (tét. ai-caqueu; bot. *Casuarina Junghuniana*); representam um casal de antepassados, tendo uma forma antropomórfica, algo elaborada para este tipo de estatuária; as cabeças, encimadas por um carrapito, estão representadas com algum pormenor, aparecendo bem definidas as orelhas, os olhos e a boca; nos torsos muito alongados são bem visíveis braços estendidos e colados ao corpo, o umbigo, na estátua masculina, e os seios, na feminina; as peças são rematadas por uma moldura arredondada em lugar das pernas e dos pés.

Apesar da tendência dominante para a estilização e simbolização, alguns «ai-tos» oferecem extraordinárias representações humanas, trabalhando com competência, como neste caso, o retrato dos rostos para destacar uma imediata distinção entre elemento masculino e feminino. Frequente é também o aparecimento de uma base inspirada na estatuária do «interior» das casas sagradas servindo de suporte à escultura.



12 | 13 Par de estátuas de antepassados

Timor Leste, Bobonaro/Lolotoi; séc. XX

Dimensões alt. 91 (homem) e 86,5 cm (mulher)

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhadas em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representam um homem e uma mulher sentados com as pernas flectidas, pousando os braços nos joelhos; a tapar as cabeças um adereço rematado por um galo; as bases das estátuas apresentam uma forma cilíndrica, constituídas por dois tambores, sendo o superior ornado com quatro cabeças humanas (máscaras?) intercaladas por painéis com espirais geométricas e o inferior decorado com uma barra de meandros (homem) e triângulos e losangos (mulher). As notáveis semelhanças estilísticas entre estas peças e a estátua n.º 21, sugerem que a sua execução se deverá a um mesmo artífice.

A estatuária de interior timorense é rica em motivos simbólicos e linhageiros, mas prefere de forma dominante a representação humana, masculina e feminina, seguindo formas verticais, hieráticas, transportando para o interior das casas sagradas os motivos e estruturas da estatuária consagrada pelos «ai-tos» de valor totémico ou cultural. A produção de pares de estátuas, feminina e masculina, convocando a comunicação protectora e fértil dos dois elementos criadores da linhagem era bastante mais frequente. Estas estátuas eram normalmente colocadas em cima de um pequeno estrado e saíam do interior da casa sagrada nas cerimónias festivas rituais sempre que existia uma grande concentração de pessoas. Nesta altura, davam-se às estátuas alimentos rituais, sobretudo carne e arroz, esperando obter protecção, expiação ou os favores taumaturgicos gerais das imagens.



14 Estátua feminina de antepassado

Timor Leste, Bobonaro/Lolotoi; séc. XX

Dimensões alt. 64 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representa uma mulher sentada com as pernas flectidas, pousando os braços nos joelhos; a cabeça, onde se destacam orelhas ornadas por grandes brincos, é rematada por um suporte, de secção rectangular, com um encaixe central e os lados decorados com meandros e ziguezagues; a base da estátua, de secção quadrangular, apresenta-se decorada com meandros.

Por vezes, as estátuas femininas distinguem-se pelos elementos de adorno, como os brincos, ou por uma suave representação do sexo. Tal como os exemplares n.º 12 e 13, esta peça oferece a figura em posição de descanso, de cócoras, situação muito utilizada ainda hoje pela cultura da ociosidade timorense. Assinale-se também que esta estátua apresenta um estilo similar aos n.º 12, 13 e 21.



15 Estátua masculina de antepassado

Timor Leste, Tilomar/Suai Loro; séc. XX

Dimensões alt. 77 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representa um homem sentado com as pernas flectidas, os ombros puxados para a frente e os braços estendidos, pousando as mãos nos joelhos; cabeça é encimada por um volumoso adorno que poderá representar uma abstracção do tema da luta de galos; o rosto apresenta uma expressão de dureza, própria das estátuas masculinas, que nos é transmitida pela iconografia dos olhos e pela localização da boca.



16 Estátua feminina de antepassado

Timor Leste, Bobonaro/Lolotoi; séc. XX

Dimensões alt. 42 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representa uma mulher sentada com as pernas flectidas, pousando os braços nos joelhos; na cabeça, de dimensões exageradas e encimada por um carrapito, destaca-se a figuração das orelhas ornadas por grandes brincos; a base da estátua, de secção sub-quadrangular, apresenta uma barra decorada com gregas.

Assinale-se também que esta estátua apresenta um estilo similar aos n.º 12, 13, 14 e 21.



17 Estátua masculina de antepassado

Timor Leste, Bobonaro/Lolotoi; séc. XX

Dimensões alt. 44,5 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representa um homem sentado com as pernas flectidas, pousando os braços, ornados com pulseiras, sobre os joelhos, e uma cabeça muito desproporcionada; a figuração dos órgãos genitais é bem evidenciada; a base, de secção circular, salienta-se pelas suas grandes dimensões (alt. 28 cm), sendo constituída por quatro tambores (o segundo de diâmetro menor) separados por três molduras tronco-cónicas, apresentando alguns destes elementos uma decoração constituída por espirais geométricas, meandros, gregas e ziguezagues.

Assinale-se que esta peça apresenta claras afinidades estilísticas com os exemplares n.º 12, 13, 14, 16 e 21.



18 **Estátua feminina de antepassado**
Timor Leste, Tilomar/Suai Loro; séc. XX

Dimensões alt. 56 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau ferro (tét. *ai besi*; bot. *Intsia bijuga*); representa uma mulher, de pé, com as pernas ligeiramente flectidas e os braços cruzados chegando as mãos junto dos ombros; a figuração dos órgãos genitais é bem evidente e a proeminência da barriga mostra tratar-se de uma mulher grávida; a cabeça é rematada por um adorno em forma de galo; a base, sem decoração, tem uma secção circular.

Note-se que o tema da maternidade feminina é raro na estatuária timorense actualmente preservada.



19 Estátua de antepassado

Timor Leste, talvez região de Suai(?); séc. XX

Dimensões alt. 37,5 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau ferro (tét. *ai besi*; bot. *Intsia bijuga*); representa um homem sentado num trono com os braços junto ao corpo e as mãos colocadas entre as pernas; a cabeça, de feições simiescas, tem a particularidade de apresentar a boca entreaberta, aparecendo bem nítidos os dentes, dando a impressão de estar a sorrir; a base será uma espécie de trono, sendo clara a tentativa do artista em representar as quatro pernas.

Para esta peça, de grande originalidade, não foi possível identificar com segurança a sua procedência, apresentando alguma similitude com uma máscara de Suai (n.º 27).



20 Estatueta de antepassado

Timor Leste, Ataúro; 2^a met. séc. XX

Dimensões alt. 74,5 cm

Colecção Particular

Talhada num pedaço de pau-rosa (tét. *ai na*; *Pterocarpus indicus*) de secção sub-quadrangular, particularidade também detectada na zona oriental da ilha das Flores; representa um homem de pé com o corpo inclinado, os ombros puxados para a frente, os braços estendidos ao longo do corpo e as pernas ligeiramente flectidas; a cabeça é encimada por um carrapito e apresenta uma face muito estilizada em que a boca se reduz a uma ranhura na parte inferior; a base, sem tratamento, está perfurada entre os pés, certamente, para permitir a fixação de peça.

Este exemplar apresenta uma dimensão bem superior à maioria dos *itara* conhecidos que, por norma, não ultrapassam os 30 cm.



21 Estátua de antepassados

Timor Leste, Bobonaro ou Lolotoi; séc. XX

Dimensões alt. 114 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Talhada em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); representa um casal de antepassados com o homem de pé e as pernas ligeiramente flectidas, sustentando a mulher sentada nos seus ombros que se segura na cabeça do companheiro; o homem agarra com as mãos as pernas da mulher; ambos ostentam em cada pulso uma pulseira (tét. *kele*); a base da estátua apresenta a forma cilíndrica, constituída por dois tambores decorados com uma barra de meandros, típicos da região central de Timor, separados por uma moldura ornada com quatro cabeças humanas (máscaras?) intercaladas por painéis com espirais geométricas. Assinale-se que esta peça apresenta claras afinidades estilísticas com os exemplares n.º 12, 13, 14, 16 e 21.

As esculturas em que se associa na mesma peça o homem e a mulher são extremamente raras, como nesta peça ressaltando da simbolização própria de um dos grupos etno-linguísticos mais ricos de Timor, os *Bunak* que se estendem ao longo das regiões centrais da ilha. Este tipo de estatuária, hoje praticamente inexistente, foi sendo progressivamente atacada e limitada pelo avanço da colonização e pelo crescimento da missão católica.



Máscaras

As máscaras são geralmente utilizadas em festivais colectivos, sagrados, fúnebres e militares. Encenam danças rituais e representam sempre figuras de antepassados cumprindo tarefas de protecção, reunião e mobilização do território social. De diferentes dimensões, as máscaras são frequentemente adornadas com penas, pêlos e outros materiais exuberantes que dialogam com os panos e instrumentos musicais convocados para os festivais e rituais colectivos. Não existem inventários disponíveis e estudos suficientes das máscaras timorenses para se adiantar qualquer tipologia rigorosa, conquanto as diferentes dimensões e iconologias comuniquem com diferentes funcionalidades, como acontece, por exemplo, com as máscaras dos lutos funerários, sempre menores e com um tratamento mais teatral da gestualidade facial.



22 Máscara

Timor Leste, região de Los Palos; séc. XX

Dimensões alt. 44 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em *sesbânia* (tét. *ai kala*; bot. *Sesbania grandiflora*), madeira muito leve e fácil de trabalhar; de grandes dimensões, esculpida em forma de rosto humano, apresenta como elementos dominantes um longo nariz, as maçãs do rosto salientes e a boca com os dentes bem desenhados; encontra-se desprovida dos adornos (crina e penas?) que se localizariam na testa, sobre os olhos, perfurados e muito encovados, e na boca; na parte interior tem uma barra fixa horizontalmente que permitia segurar a máscara.





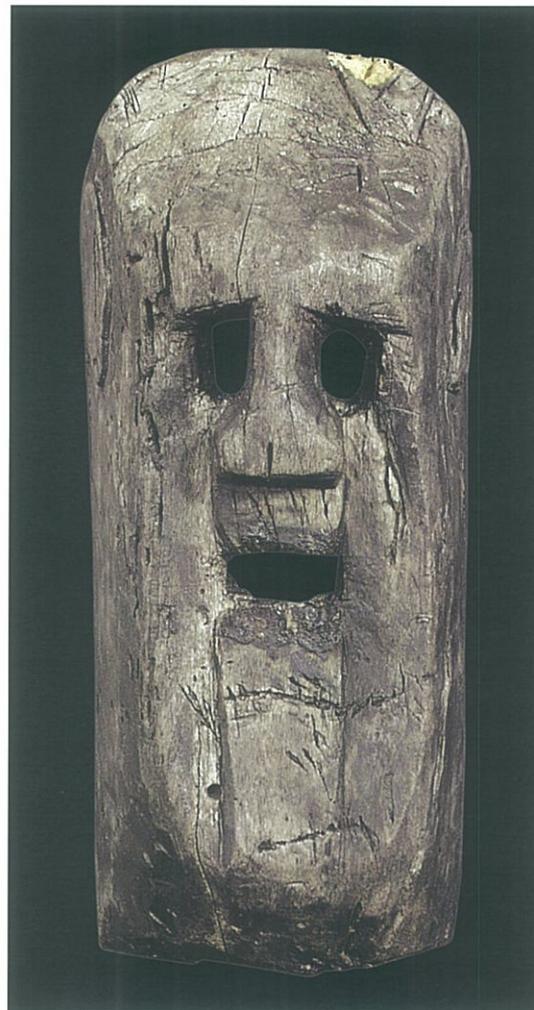
Máscara

Timor Leste, Oecússi; séc. XX

Dimensões alt. 45 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em *sesbânia* (tét. *ai kala*; bot. *Sesbania grandiflora*), madeira muito leve e fácil de trabalhar; de grandes dimensões, rudemente esculpida em forma de rosto humano e com a representação da parte superior da cabeça, o que facilitava a sua fixação; olhos e boca perfurados; de notar o comprimento exagerado do queixo e o desenho das orelhas muito estilizado.



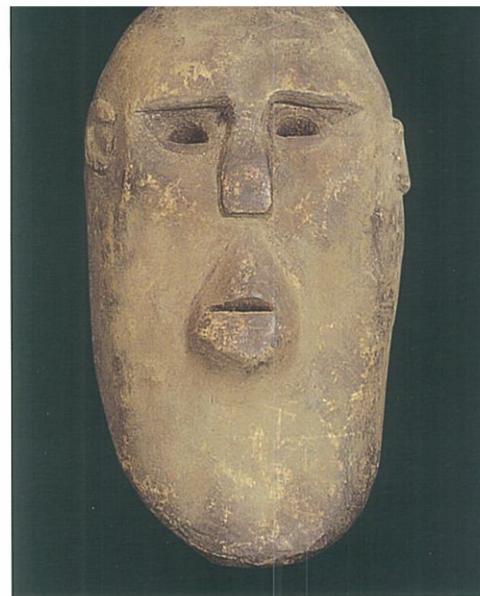
24 Máscara

Timor Leste, Oecússi; séc. XX

Dimensões alt. 30 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Em alstónia (tét. *ai hanek*; bot. *Alstonia scholaris*); em forma de rosto humano, apresenta um tratamento similar ao da estatuária, certamente na tentativa de dar um maior realismo à peça, com a representação dos volumes das maçãs do rosto, das orelhas, do lábio superior e do queixo, característica pouco habitual nas máscaras timorenses deste tipo; olhos e boca perfurados.



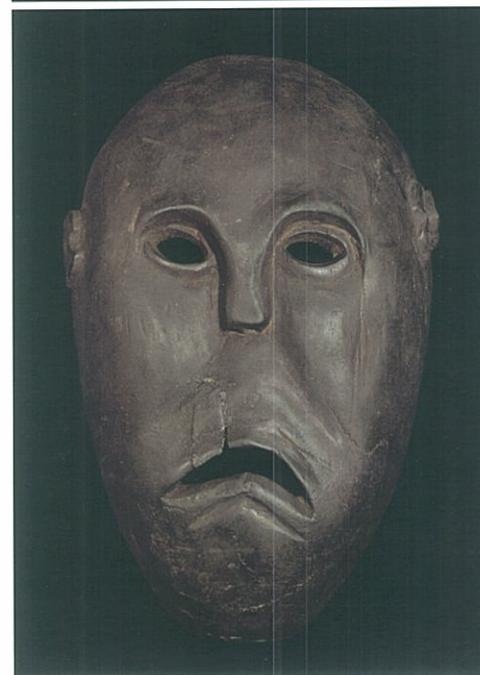
25 Máscara

Timor Leste, Oecússi; séc. XX

Dimensões alt. 26,5 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Em pau rosa (tét. *ai na*; bot. *Pterocarpus indicus*); em forma de rosto humano, transmite uma expressão de tristeza que é acentuada pelo desenho dos olhos e sobretudo da boca, perfurados; sob cada orelha foi aberto um furo para a passagem de um fio que permitia a fixação da máscara. Trata-se, provavelmente, de uma máscara utilizada em cerimónias funerárias.



26 Máscara

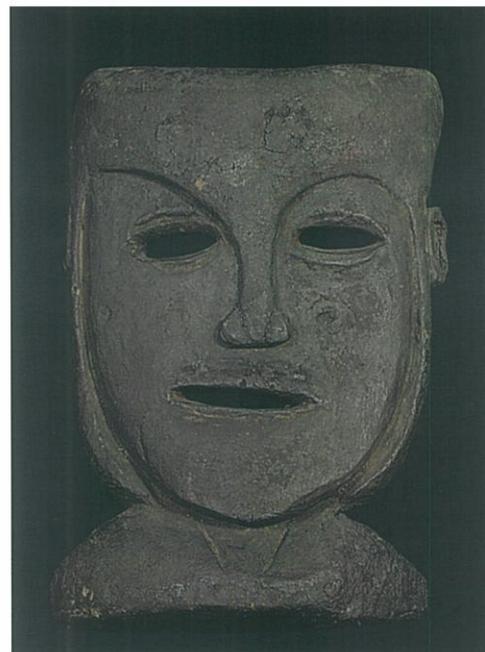
Timor Leste, Oecússi; séc. XX

Dimensões alt. 26 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

Em estercúlia (tét. *ai nitas*; bot. *Sterculia foetida*); em forma de busto humano, procura representar, para além do rosto, o pescoço e a parte superior do tronco; na face, muito estilizada, são bem salientados os seus contornos com uma tentativa de representação dos cabelos; note-se o cuidado posto no desenho dos olhos, da boca, perfurados, e do nariz.

Máscara usada nas cerimónias fúnebres, propositadamente enegrecida pelo fumo para vincar o sentido de luto e pesar, destacado na representação geral do rosto.



27 Máscara

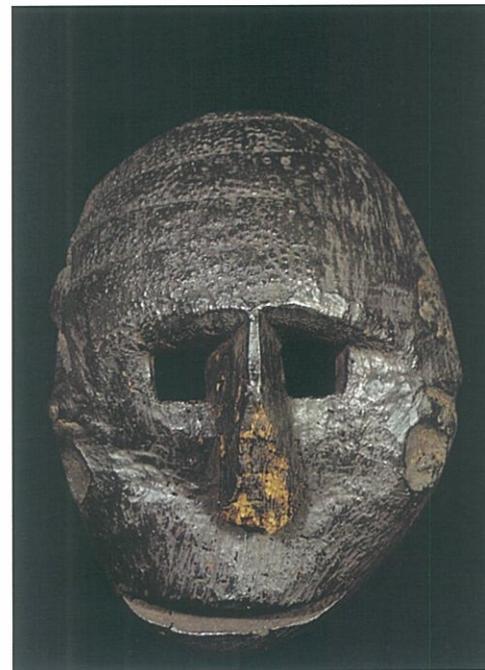
Timor Leste, Suai; 1ª met. séc. XX

Dimensões alt. 22 cm

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

Em madeira de coqueiro (bot. *Cocos nucifera*); em forma de rosto humano, com feições simiescas; talhada grosseiramente, apresenta um nariz e uma boca, entalhada, de grandes dimensões, tendo os olhos, perfurados, um formato quadrangular; de cada lado, foi aberto um furo para a passagem de um fio que permitia a fixação da peça.

A máscara está revestida, exteriormente, por uma pátina negra, muito brilhante, que será indicadora do seu armazenamento, durante muitos anos, num dos compartimentos existentes na cobertura de uma casa sagrada, zona onde se concentrava o fumo da lareira.



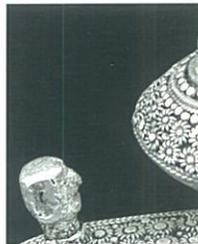
Ourivesaria

A ourivesaria é uma arte cultivada por artesãos que a foram transmitindo de geração em geração, utilizando principalmente um fole para fundir o ouro e a prata, trabalhados, depois, com um fole de sopro permitindo a soldadura. Enquanto a prata se funde a partir de moedas de diferente origem e qualidade, já o ouro associa a esta mesma origem aquele que se obtém na exploração de algumas ribeiras. Após serem fundidos, os metais preciosos são sucessivamente batidos a martelo até à obtenção de placas finas e alongadas. A partir destas pode ainda produzir-se o fio, fazendo passar as placas por orifícios de diferentes dimensões adequados ao tipo de trabalho que se pretendia fazer. Para o fabrico de algumas peças os ourives utilizavam moldes de argila.

Entre as principais produções destaquem-se ao alfinetes de vestuário e para prender o cabelo (tét. *ulu-sukun*), os anéis (tét. *kadeli*), os braceletes finos (tét. *kelu*), grossos (tét. *buti-liman*) e com guizos (tét. *keke*), as argolas (tét. *argolija*), os brincos (tét. *mamolik*), os terços (tét. *tersu*), os discos (tét. *belak*) e os diademas (tét. *kaebauk*).

Note-se que, para além jóias confeccionadas pelos ourives locais, havia muitas peças de ourivesaria por toda a ilha de Timor, que eram produzidas por artistas itinerantes oriundos sobretudo da pequena ilha de Ndau, a oeste da de Roti, e ainda de Savu e de Sumba que percorriam o território durante a estação seca.

Devido ao seu poder mágico, as peças de ourivesaria de ouro e prata eram dadas pela família do noivo à família da noiva, recebendo em troca panos decorados, o que evidencia a importância social e ritual destes objectos.



28 Diadema (tét. kaebauk)

Timor Leste; séc. XIX/XX

Dimensões compr. 65 cm

Peso 115,66 g

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)



De prata; em forma de crescente, muito alongada, constituído por uma chapa lisa, de grandes dimensões, composta por seis elementos soldados, rematada nas extremidades por argola que trava um elemento cónico e um disco; a peça é decorada com três discos, o central com 5 cm de diâmetro e os laterais com 4 cm, soldados, com um motivo de rosetas, circundadas por séries de cordas, e um botão central saliente; peça de adorno masculino.

Este magnífico exemplar apresentava uma espessa pátina que será reveladora da sua antiguidade, devendo ter permanecido guardado durante muitos anos.

Os diademas em forma de crescente lunar ou chifres de búfalo são uma das especializações mais importantes da joalheria tradicional timorense. Usados tanto por homens como mulheres nas grandes ocasiões festivas e rituais, estas peças são fabricadas principalmente em prata e, muito raramente, em ouro. Exibidos na zona frontal da cabeça, eram decorados com penas de galináceos e outras aves, exprimindo um grande aparato testemunhando o nível social elevado dos seus possuidores. Pelo seu prestígio e raridade, estes diademas em prata e ouro constituíam igualmente um objecto muito apreciado nas trocas matrimoniais e nas alianças entre linhagens e famílias timorenses.

29 Diadema (tét. kaebauk)
Timor Leste; 1ª met. do séc. XX

Dimensões comp. 43 cm

Peso 48,80 g

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)



De prata; em forma de crescente, constituído por uma chapa lisa rematada nas extremidades por argola que trava uma conta bicónica e um disco (faltam num dos lados); a peça é decorada com um disco com 3,5 cm de diâmetro, soldado no centro, com um motivo de rosetas, circundadas por séries de cordas, e um botão central saliente; peça de adorno masculino.

30 Diadema composto (tét. kaebauk)

Timor Leste; posterior a 1970

Dimensões comp. 28,5 cm

Peso 103,20 g

Colecção Particular



De prata; em forma de crescente, constituído por uma chapa decorada com a aplicação, por soldadura, de três elementos cónicos, em liga de prata, circundados por espirais de fio, ladeados por dois discos solares incisos, debruada com punções semicirculares e com as extremidades rematadas por contas bicónicas, em liga de prata, assentes num disco com pingentes móveis; na parte posterior, apresenta dois encaixes soldados para colocação de peça em falta neste exemplar; objecto de adorno feminino e masculino.

Os discos soldados nas extremidades, acima referidos, são duas moedas portuguesas iguais, de 2 escudos e meio, em cupro-níquel, emitidas para Timor, que permitem uma datação muito aproximada do fabrico deste kaebauk e a sua atribuição a Timor Leste.

As moedas pertencem ao tipo seguinte:

Anverso) Escudo das quinas sobre esfera armilar e cruz de Cristo; em volta **REPÚBLICA PORTUGUESA 1970**

Reverso) Escudo de Timor sobre esfera armilar; em cima, **TIMOR**; em baixo, **2\$50**

31 **Diadema composto (tét. kaebauk)**
Timor Ocidental, Amanuban, Soe; séc. XX
Dimensões comp. 28,5; alt. 21,5 cm
Peso 178,60 g
Colecção Particular



De uma liga com prata; em forma de crescente, constituído por uma chapa lisa decorada com debruado de cordas e com a aplicação, por soldadura, de um grande botão central, hemisférico, ladeado por dois botões em forma de estrela de cinco pontas, de cordas e fios lisos; as extremidades são rematadas por botões com pingentes móveis; na parte posterior, apresenta dois encaixes soldados para segurar uma peça de três hastes, ornadas com motivos feitos a punção, e um pequeno crescente, rematadas por botões com pingentes móveis (faltam na haste central e no pequeno crescente) e duas argolas para a passagem de uma fita para prender o diadema na cabeça; objecto de adorno feminino.

33 Disco (tét. belak)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões diâm. 19,1 cm

Peso 97,40 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De uma liga de prata; plano e com um ligeiro rebordo, apresentando uma decoração, soldada, constituída por uma hemisfera com um motivo de rosetas, circundada por cordas desenhando dois círculos concêntricos e um anel de elementos ovalados; o orifício para passar o cordão para suspensão foi aberto no centro do sol gravado a punção.

Os medalhões ou discos solares, como são conhecidos em Timor, são outra das principais produções da joalheria tradicional timorense. Estas peças procuram desenhar com enorme precisão uma circunferência que, normalmente, apenas como elemento decorativo, uma figura gravada a punção. Usados preferencialmente por homens, os *belak* expressavam prestígio e status social, sendo exibidos nas grandes festas e desfiles religiosos e sociais colectivos. À semelhança dos diademas, também estes «discos solares» marcavam as negociações dos «barlaques» e alianças linhageiras, guardando-se protectivamente nas casas sagradas.



33 Disco (tét. belak)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões diâm. 17,8 cm

Peso 138,48 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De uma liga de prata; plano e com um ligeiro rebordo, apresentando uma decoração, soldada, constituída por uma hemisfera encimada por um botão, circundada por fios desenhando dois círculos concêntricos; orla de crescentes e pontos feitos a punção; o orifício para passar o cordão para suspensão foi aberto no centro do sol gravado a punção.



34 | 35 Discos (tét. belak)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões diâm. 15,7 cm (34); 14,5 cm (35)

Peso 98,55 g (34); 98,20 g (35)

Coleção Faculdade de Letras
da Universidade do Porto (2001)



De prata; plano e com um ligeiro rebordo, decorado com um crescente e uma figuração do sol gravados a punção; o orifício para passar o cordão para suspensão foi aberto no centro da figura do sol representado por quatro pontos puncionados.

Encontramos nesta peça um exemplo simplificado e mais usual da produção de medalhões solares em prata. Desapareceram os relevos centrais para se salientar de forma incisa uma tosca decoração que desenha um kaebauk. Trata-se de um motivo decorativo que serve para recordar que medalhões e diademas formavam o aparato fundamental da decoração festiva masculina e também feminina durante as principais cerimónias e rituais timorenses.

36 **Bracelete com guizo (tét. keke)**

Timor Leste; séc. XX

Dimensões 7,5 x 7,5 cm

Peso 62,50 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De prata; aro ovalado, em forma de fita, lateralmente chanfrada para o interior; ornado por séries de pequenas rosetas separadas por esférulas, aplicadas por soldadura, e debruado com corda; o aro apresenta um guizo, soldado, com decoração similar e rematado por um botão, ladeado por duas cabeças afrontadas.

Os braceletes em prata são uma das mais ricas peças da joalheria timorense, expressando decorações variadas e refinadas. Rematados, muitas vezes, por um ou mais guizos eram usados tanto por homens como mulheres nas grandes festas e cultos colectivos. Objectos de exibição do poder e prestígio sociais, apresentam decorações em que se fixam caracteres das linhagens, dos territórios sociais e dos seus símbolos mais importantes.

37 **Bracelete com guizo (tét. keke)**

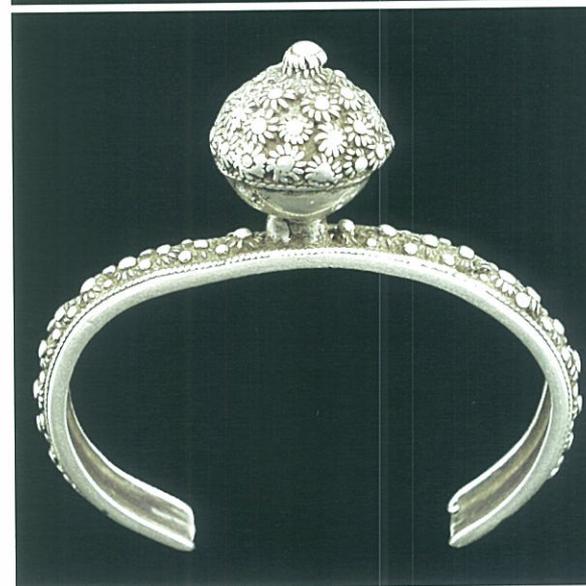
Timor Leste; séc. XX

Dimensões 7,2 x 7,5 cm

Peso 40,49 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De prata; aro oval, em forma de fita, lateralmente chanfrada para o interior; ornado por uma série de pequenas rosetas separadas por esférulas, aplicadas por soldadura, e debruado com cordas; o aro apresenta um guizo esférico, soldado, com decoração similar e rematado por um botão.



38 **Bracelete com guizo (tét. keke)**

Timor Leste; séc. XX

Dimensões 11,1 x 8,5 cm

Peso 118,49 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De prata; aro oval de secção circular, liso, ornado com um guizo esférico com ranhuras em cruz rematadas por quatro esférulas e uma barra de volutas de fio definida por duas cordas, aplicado na zona central superior; de cada lado do guizo dois cavaleiros afrontados.

As representações de cavaleiros são relativamente raras neste género de joalheria, podendo ressaltar de influências de outras artes ou mesmo de contactos culturais com outras ilhas das pequenas Sundas que, como as Flores, especializaram o tema dos cavaleiros na sua tradição cultural.



39 **Bracelete com guizos (tét. keke)**

Timor Leste; séc. XX

Dimensões 8,5 x 7,7 cm

Peso 115,48 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De prata; aro oval, de secção rectangular e hexagonal nas extremidades, ornado por uma série de esferas, aplicadas por soldadura, que aumentam de tamanho em direcção ao centro, tal como os cinco guizos esféricos com ranhuras em cruz, aplicados na zona superior; soldadas em cada extremidade duas volutas fio.

Encontramos nesta pulseira um caso de assumida exuberância decorativa marcada pela produção de cinco guizos esféricos, permitindo a realização de uma sonoridade característica destas peças, para uso nos braços e nas pernas, qualificando os movimentos e a dança dos participantes nos festivais e cultos colectivos.



40 **Bracelete grosso (tét. buti-liman)**

Timor Leste; séc. XX

Dimensões: 6,9 x 5,7 cm

Peso 80,84 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De uma liga de prata; espesso aro oval, constituído por uma fita com secção em arco de círculo, lateralmente chanfrada para o interior; ornada nas extremidades por uma série de pequenas espirais de fio, aplicadas por soldadura, enquadradas por duas cordas.



41 **Bracelete fino (tét. kelu)**

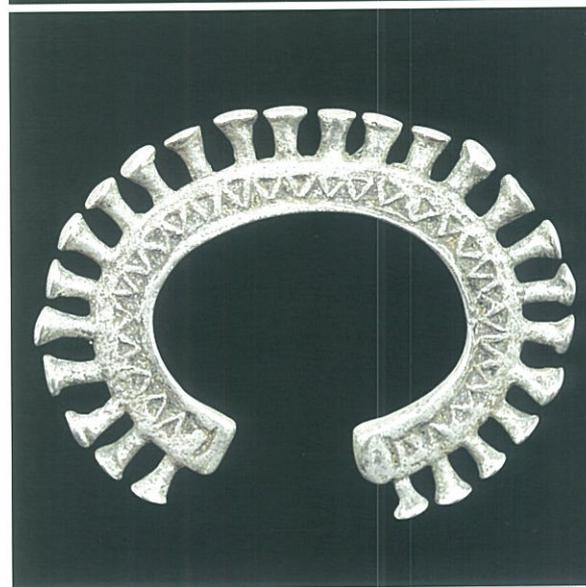
Timor Leste; séc. XX

Dimensões 8 x 6,5 cm

Peso 51,90 g

Coleção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2001)

De prata; monóxilo com aro oval de secção trapezoidal; esta peça fundida apresenta, lateralmente, uma decoração de ziguezagues e, divergindo do lado externo, uma série de vinte cinco raios com formato de cravos.



42 Par de Brincos (tét. mamolik)

Timor Ocidental, Amanuban, Soe; séc. XX

Dimensões 3,2 x 2,3 cm

Peso 10,63 g

Colecção Particular

De prata ligeiramente dourada; de forma amendoada, ornados nas extremidades com círculos feitos a punção e dois repuxados de cada lado, rematadas por duas esférulas.

Os brincos constituem peças de grande difusão nas culturas do arquipélago malaio-indonésio, informando uma cultura «feminina» na qual dialogam com as outras produções da joalheria tradicional, das pulseiras aos medalhões. Fixados às orelhas simplesmente através de um fio, os brincos procuram quase sempre formas verticais complementadas com decorações geométricas simples, podendo também ser usados como pendentes ou cosidos ao vestuário, sobretudo pelos homens. Alguns autores defendem que este tipo de brincos, aparentados aos famosos *mamuli* da ilha Sumba, representam uma imagem estilizada dos genitais femininos.

43 Par de Brincos (tét. mamolik)

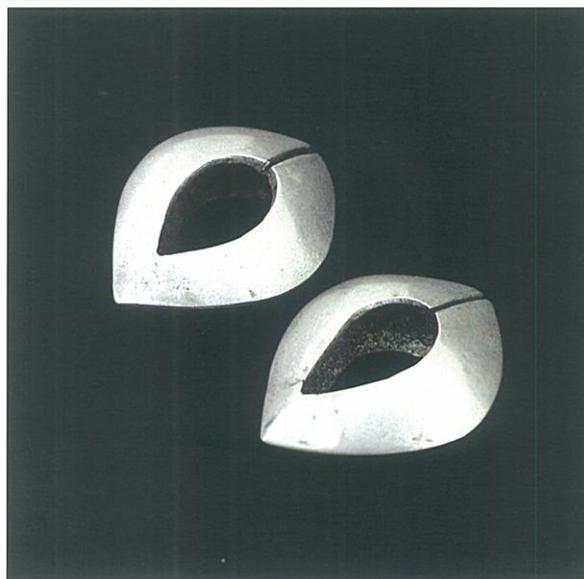
Timor Ocidental, Amanuban, Soe; séc. XX

Dimensões 3 x 2,4 cm

Peso 17,73 g

Colecção Particular

De prata; de forma amendoada não apresentam qualquer elemento decorativo.



44 Par de Brincos (tét. mamolik)
Timor Ocidental, Amanuban, Soe; séc. XX
Dimensões 6,1 x 2,9 cm
Peso 20,42 g
Coleção Particular



De prata; de forma amendoada alongada, são rematados por pequenos botões redondos nas extremidades, por sua vez, decoradas por séries de pontos alinhados, incisos, limitados por uma corda, apresentando em cada lado duas esférulas soldadas.

Um par de brincos muito similar, pertencente ao Museu Barbier-Mueller, é atribuído à ilha de Lomblem (ou Lembata) (Rodgers 1995, p. 287 e 328, n.º 99).

Colheres

Estas colheres tinham uma utilização exclusivamente cerimonial, havendo uma variedade muito grande de tipos, em materiais diversos e com decoração de maior ou menor exuberância.



45 Colher (tét. kanuru)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 21 cm

Colecção Particular

De chifre de boi; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo ricamente ornado com motivos geométricos, entalhados, vazados, recortados e torcidos; no remate do cabo faltam as pequenas contas e discos enfiados que seriam presos em sete furos efectuados para o efeito, como é normal nestes exemplares com decoração elaborada.

46 Colher (tét. kanuru)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 19,5 cm

Colecção Particular

De chifre de boi; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo ornado com aves muito estilizadas e motivos geométricos, entalhados, vazados, recortados e torcidos; o cabo é rematado com a representação de uma ave, talvez um galo, muito comum neste tipo de peças, que assenta num painel constituído por quatro aves, de composição similar ao primeiro painel rectangular.



47 Colher (tét. kanuru)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 22 cm

Colecção Particular

De chifre de boi; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo ornado com motivos geométricos, entalhados, vazados e recortados.

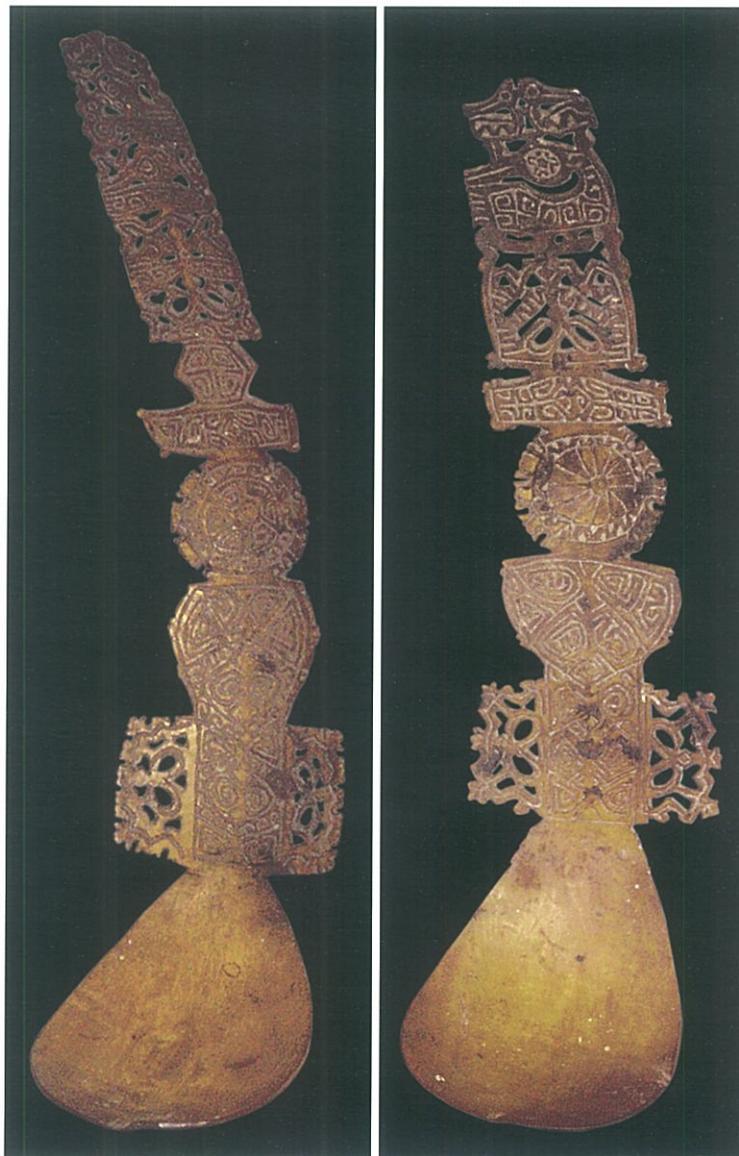
48 Colher (tét. kanuru)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 20,5 cm

Colecção Particular

De chifre de boi; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo ornado com motivos geométricos, entalhados, vazados e recortados; o cabo é rematado com a representação de duas aves afrontadas, muito estilizadas, possivelmente dois galos, que assentam numa de maior dimensão mas em posição similar.



49 | 50

Colheres (tét. kanuru)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 14 cm (49); 15,4 cm (50)

Colecção Particular

De casca de coco (de coqueiro, bot. Cocos nucifera); monóxilas, alisadas, com a extremidade côncava e o cabo ornado com motivos geométricos vazados e recortados.



51 Colher (tét. kanuru)

Timor Ocidental, Miomafo, Kefa; séc. XX

Dimensões Comp. 14,8 cm

Colecção Particular

De chifre de búfalo; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo decorado em gomos e rematado por uma ave esculpida.



52 Colher (tét. kanuru)

Timor Ocidental, Miomafo, Kefa; séc. XX

Dimensões Comp. 16,5 cm

Colecção Particular

De chifre de búfalo; monóxila, com a extremidade côncava e o cabo decorado com duas cabeças de ave, muito estilizadas, unidas pela parte superior; o cabo é rematado por um orifício para suspensão. Este exemplar apresenta grandes afinidades estilísticas com o n.º 53.



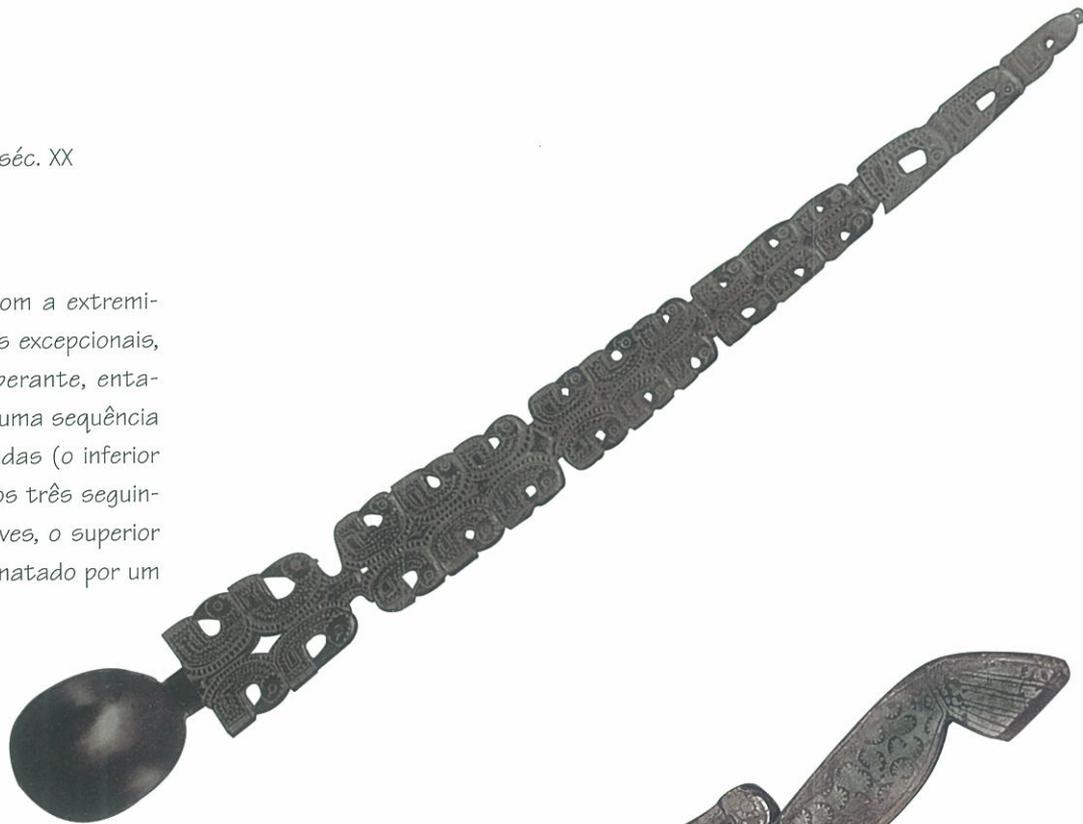
53 Colher (tét. kanuru)

Timor Ocidental, Miomafo, Kefa; séc. XX

Dimensões Comp. 54,6 cm

Colecção Particular

De chifre de búfalo; monóxila, com a extremidade côncava; o cabo, dimensões excepcionais, apresenta uma decoração exuberante, entalhada e vazada, constituída por uma sequência de cinco painéis de aves estilizadas (o inferior com dois grupos de duas aves, os três seguintes com três grupos de duas aves, o superior com três aves sobrepostas), rematado por um orifício para suspensão.



54 Concha (tét. kanaba)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Comp. 41 cm

Colecção Particular

De casca de coco (de coqueiro, bot. *Cocos nucifera*) (recipiente) e madeira (cabo); o recipiente apresenta uma decoração de duas linhas paralelas, gravadas junto ao bordo; o cabo de madeira tem a forma de uma ave, estilizada, ornamentação comum nestas peças juntamente com a representação do crocodilo ou formas humanas.



Contentores para cal

Este tipo de recipientes, de bambu ou osso de búfalo, era usado para guardar cal, que misturada com nozes de arequeira (tét. *bu*; bot. *Areca catechu*) e embrulhada em folhas de betel, constituía uma masca, saborosa e perfumada, muito apreciada por homens e mulheres timorenses.



55 Tubo para cal (tét. ahu knuan)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Alt. 24 cm; diâm. 3,8 cm

Colecção Particular

De bambu (tét. *au*; bot. *Bambusae*) (recipiente) e madeira (tampa); contentor cilíndrico gravado com motivos geométricos, compostos por linhas e pequenos círculos com ponto central; a tampa e constituída por uma pequena figura masculina, representada a meio corpo, com vestígios de tinta avermelhada nos olhos, as mãos estendidas junto ao corpo e usando um camisola (?) de mangas curtas e gola em bico.

56 Tubo para cal (tét. ahu knuan)

Timor Leste; séc. XX

Dimensão Alt. 17; diâm. 5 cm

Colecção Particular

De bambu (tét. *au*; bot. *Bambusae*); de forma cilíndrica, composto por duas peças, recipiente e tampa, talhadas em cana de bambu e com as extremidades fechadas por duas rodelas de madeira; a decoração das paredes é constituída por nove barras gravadas com a representação de crocodilos estilizados, intercaladas por outras com círculos com ponto central.



57 Tubo para cal (tét. ahu knuan)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Alt. 14 ; diâm. 3,8 cm

Colecção Particular

De bambu (tét. *au*; bot. *Bambusae*); de forma cilíndrica, composto por duas peças, recipiente e tampa, talhadas em cana de bambu e com as extremidades fechadas por duas rodela de madeira; a decoração das paredes é constituída por quatro barras com motivos geométricos gravados, intercaladas por outras com XXX.

58 Tubo para cal (tét. ahu knuan)

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Alt. 13,5 ; diâm. 3,2 cm

Colecção Particular

De bambu (tét. *au*; bot. *Bambusae*); de forma cilíndrica, composto por duas peças, recipiente e tampa, talhadas em cana de bambu e com as extremidades fechadas por duas rodela de madeira; a decoração das paredes é constituída por duas largas barras com motivos geométricos gravados, ladeadas por barras com círculos com ponto central.



59 Contentor para cal

Timor Leste; séc. XX

Dimensões Alt. 24 cm

Colecção Particular

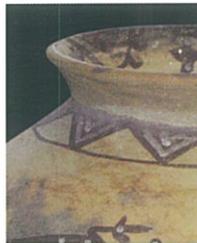
De osso (recipiente) e madeira (tampa); contentor talhado numa secção de osso, com as paredes gravadas com dois crocodilos, muito estilizados, ladeados por barras de círculos com ponto central, triângulos e meandros; a tampa tem a forma de um busto, rudimentarmente esculpido, com a cabeça encimada por um carrapito.



Recipientes domésticos

A cerâmica timorense constitui uma produção artesanal, exclusivamente feminina, com larga história, acolhendo várias influências regionais e uma opção local marcada pelas características do solo, da exposição solar e dos mercados económicos. Feita de forma simples, a cerâmica timorense produz-se quase sempre com rapidez alimentando economias domésticas, transportes locais e a exposição de produtos nos bazares. A sua decoração é maioritariamente geométrica, vegetalista, podendo também encontrar-se ainda motivos zoomórficos. Rara é a representação humana e limitadas são as cores utilizadas, quase sempre ocres e castanhos retirados da generosidade dos solos e dos óxidos naturais disponíveis.

Numa civilização em que a madeira era uma matéria-prima fundamental, a produção de pratos e outros contentores domésticos de madeira era muito importante. Conduido, com o passar dos tempos, os recipientes de madeira foram paulatinamente substituídos pelos produtos de cerâmica e também de bambu, sendo hoje pouco frequentes, tendo-se perdido, talvez, esta qualificação artesanal de remotas origens.



60 Pote

Timor Leste, região central; séc. XX

Dimensões Alt. 25,4 cm; diâm. 13,3 cm

Colecção Particular

De barro cozido; de fabrico manual, com forma ovóide e bordo recto dobrado para fora, pasta homogénea, muito depurada e com minúsculos grãos de calcite nas superfícies, de cor castanho-clara com tonalidades alaranjadas e negras em resultado de cozedura deficiente, alisada externamente com seixo (?); decoração pintada de cor ocre-acastanhada e branca, na metade superior do bojo e no colo, constituída por uma série lagartos estilizados, limitada por duas barras de triângulos; o interior do bordo apresenta também ornatos similares de lagartos e triângulos.



61 Prato

Timor Leste, Baucau; meados séc. XX

Dimensões Alt. 6,4/8 cm; diâm. 16,9 (bordo), 9,3 (pé) cm

Colecção Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,

Inv. 86.02.017 (recolha de António M. Almeida Júnior, 1954)

De barro cozido; de fabrico manual, em forma de calote esférica e pé ornado com quatro triângulos vazados, pasta homogénea, depurada e com minúsculos grãos de calcite nas superfícies, de cor castanho-clara com tonalidades cinza na superfície interior, alisada, e alaranjada na superfície exterior; decoração pintada a ocre e castanho, nas superfícies interna e externa, constituída por motivos geométricos e florais estilizados.



62 Prato

Timor Leste; meados séc. XX

Dimensões Alt. 7,9/8,4 cm; diâm. 16,7 (bordo), 11,5/12,4 (pé) cm

Colecção Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,

Inv. 86.02.030 (recolha de António M. Almeida Júnior, 1954)

Em alstónia (tét. *ai hanek*; bot. *Alstonia scholaris*); monóxilo, com fundo plano, paredes esvasadas e pé constituído por aro unido por quatro elementos de secção circular ao fundo externo do recipiente.



63 Prato

Timor Leste; meados séc. XX

Dimensões Aalt. 7,7/8,1 cm; diâm. 12,7 (bordo), 9,6 (pé) cm

Colecção Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto,

Inv. 86.02.029 (recolha de António M. Almeida Júnior, 1954)

Em alstónia (tét. *ai hanek*; bot. *Alstonia scholaris*); monóxilo, em forma de calote esférica, pé alto com base em rodela.



Têxteis

A produção doméstica de tecidos é uma das manifestações mais interessantes e originais da cultura e da identidade étnica da população timorense. Esta actividade que cabia exclusivamente às mulheres, era fundamental para a produção de vestuário para uso diário e para ocasiões festivas dos respectivos núcleos familiares e de tecidos para cerimónias rituais, para dons e mesmo para venda. Para além do seu valor económico e utilitário, os panos têm uma função simbólica essencial nos rituais ligados aos momentos mais significativos da vida –o nascimento, o casamento e a morte– e em cerimónias como o início da construção de uma casa ou a declaração ou o fim de uma guerra: os tecidos protegem o recém-nascido, são parte relevante do dote da noiva ou acompanham o defunto para a sepultura em maior em menor quantidade, consoante o seu estatuto social e a riqueza.

Compreende-se, assim, que saber tecer era um requisito fundamental a toda a rapariga em idade de casar. A aprendizagem iniciava-se com a participação na preparação do algodão, na fiação, na tingidura e em outras tarefas mais simples; cerca dos catorze anos é que as raparigas começam a tecer, assegurando-se desta forma a transmissão de técnicas e motivos decorativos tradicionais que passaram de geração em geração. Nesta actividade, própria da estação seca, eram utilizados pequenos teares de cintura, calculando-se que a confecção de um pano de uso masculino obrigava a cerca de quinze dias de trabalho. A utilização de uma grande variedade de cores, em forma de listas, é visível em muitos tecidos timorenses, enriquecidos por gramática decorativa muito rica, desde representações humanas e animais (p.ex., o crocodilo, a serpente e o galo), passando padrões vegetais estilizados, até motivos geométricos; é frequente o uso de determinados motivos decorativos como elementos identificadores de uma linhagem.

É muito difícil encontrar panos antigos em Timor muito cobijados por museus e colecionadores, sobretudo após a tragédia de Setembro de 1999, mas o recente aumento da sua procura permitiu a revitalização de alguns centros de tecelagem tradicional, verificando-se a produção de algumas peças de qualidade razoável, apesar de confeccionadas com fio industrial e utilizando tintos químicos, uma vez que a fiação manual e uso de corantes naturais terão desaparecido completamente.

64 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selendang)
Timor Ocidental, Molo Selatan, possivelmente Biloto/Oinlasi;
meados séc. XX(?)

Dimensões Comp. 166; larg. 43 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

De algodão, de fição mecânica, tingido com corantes químicos; constituído por uma só banda franjada, com três barras largas, apresentando a central crocodilos e motivos geométricos bordados (tét. sui; ind. buna) e as outras duas uma decoração, também de crocodilos, de urdidura suplementar (tét. fafoit; ind. sotis); esta última técnica foi ainda utilizada para decorar com uma linha tracejada as quatro barras mais estreitas que alternam com as de maiores dimensões.

O rigor na disposição das figuras zoomórficas e geométricas, patente neste pano para colocar sobre o ombro, sugere a sua utilização em cerimónias rituais, não devendo tratar-se de uma peça decorativa para uso diário ou para dias festivos.



65 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selimut)

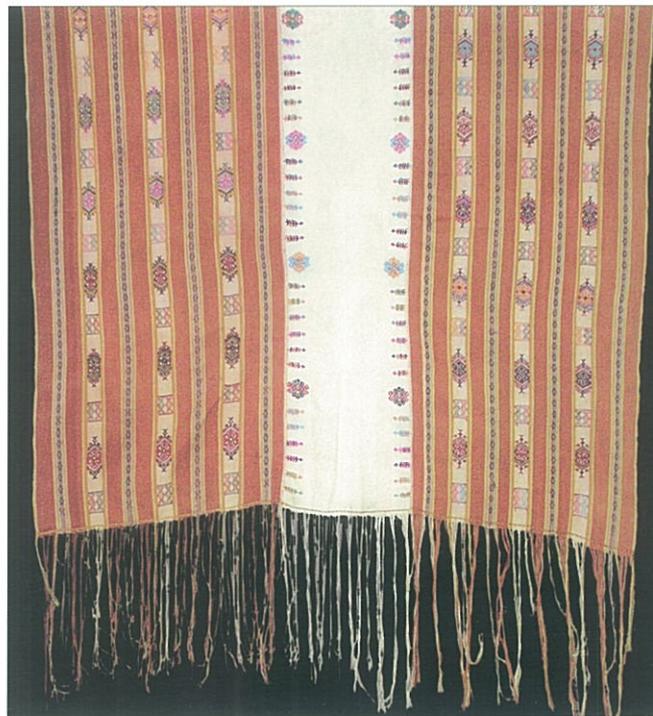
Timor Ocidental, Molo Utara, 2ª met. séc. XX

Dimensões Comp. 179; larg. 108 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

De algodão, de fiação mecânica, tingido com corantes químicos; constituído por três bandas franjadas, cosidas entre si no sentido da urdidura; a banda central, branca, apresenta uma decoração bordada (tét. sui; ind. buna) com motivos geométricos em forma de losango (kaif) alternando com séries de seis elementos vegetais estilizados; cada banda lateral apresenta uma série de oito barras de tonalidade ocre, alternando com sete barras ornadas, três mais largas com uma decoração geométrica bordada (tét. sui; ind. buna) sob um fundo amarelo e as restantes, mais estreitas e listadas, com uma decoração de urdidura suplementar (tét. fafoit; ind. sotis).

Os motivos vegetais estilizados da banda central são identificativos dos clãs Kolo, Naef e Tepatab (Yeager/Jacobson 1997, p. 134).



66 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selimut)

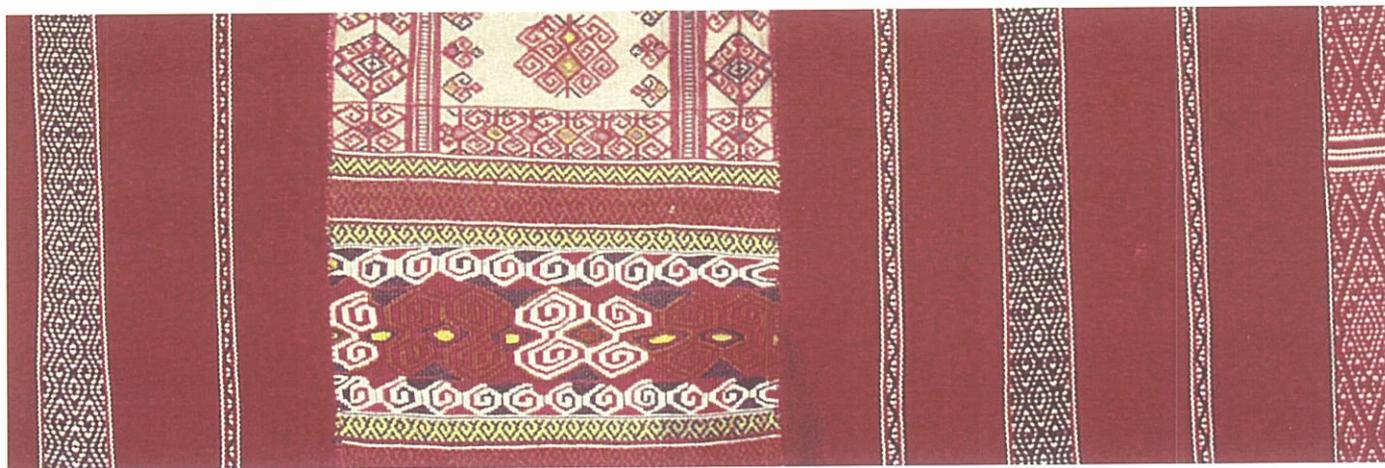
Timor Leste, Oecússi, 2^a met. séc. XX

Dimensões Comp. 166; larg. 141 cm

Colecção Particular

De algodão, de fição mecânica, tingido com corantes químicos; constituído por três bandas franjadas, cosidas entre si no sentido da urdidura; a banda central, branca, apresenta uma rica decoração bordada (tét. sui; ind. buna) com motivos geométricos, duas pequenas barras com decoração de urdidura suplementar e, nas extremidades, duas largas barras decorativas de trama suplementar; as bandas laterais, vermelhas, apresentam, cada uma, sete barras com decoração geométrica (estilização do crocodilo nas barras vermelhas) de urdidura suplementar (tét. fafoit; ind. sotis).

Pela sua decoração, este pano poderá ter sido produzido na povoação de Cunha.



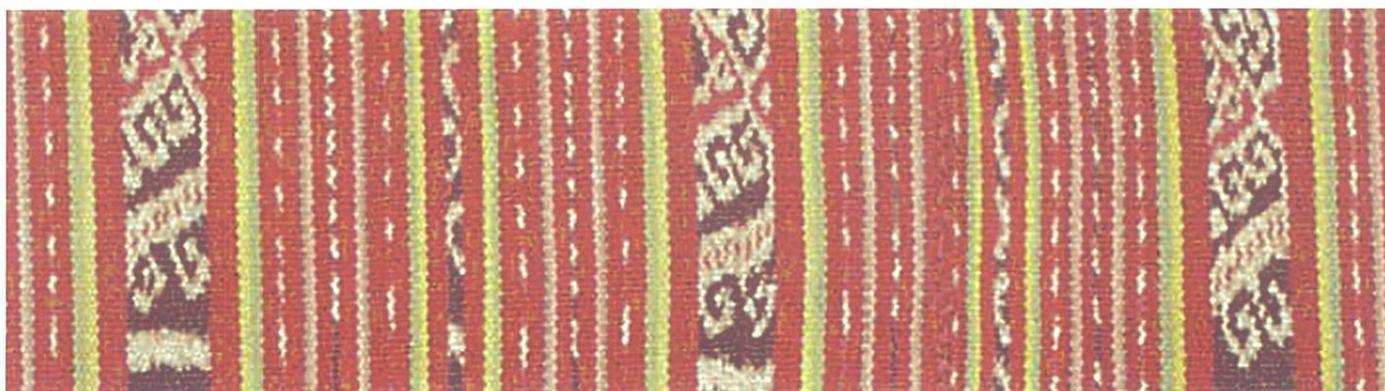
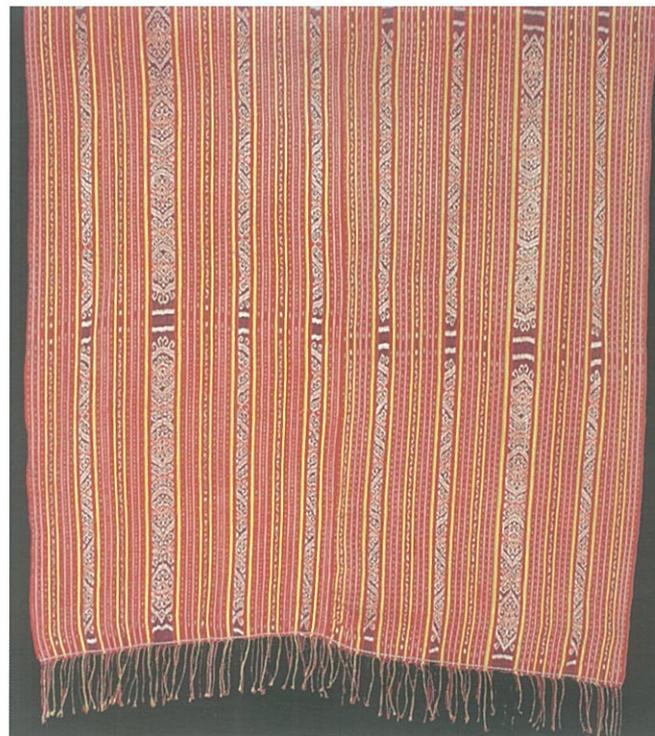
67 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selimut)

Timor Leste, Los Palos, 2ª met. séc. XX

Dimensões Comp. 183; larg. 86 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

De algodão, de fiação manual, tingido com corantes químicos; constituído por duas bandas idênticas franjadas, cosidas entre si no sentido da urdidura; apresenta uma série de barras com listas de urdidura de diversas cores onde predomina o vermelho, alternando com barras ornadas de motivos geométricos (talvez crocodilos estilizados), sob fundo castanho e vermelho, obtidos pela processo de tingidura de reserva (ind. *ikat*; tét. *futus*) de urdidura.



68 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selimut)

Timor Leste, Los Palos, meados séc. XX

Dimensões Comp. 182; larg. 124 cm

Colecção Particular

De algodão, de fiação mecânica, tingido com corantes químicos; constituído por duas bandas idênticas franjadas, cosidas entre si no sentido da urdidura; apresenta uma série de barras com listas de urdidura de diversas cores, intercaladas por barras decoradas com motivos geométricos e florais, obtidos pela técnica de urdidura suplementar (tét. fafoit; ind. sotis); os remates transversais têm uma barra de trama suplementar com ornatos geométricos.



69 Pano de uso feminino
(tét. tais feton; ind. sarong)
Timor Leste, Suai; 1ª met. séc. XX
Dimensões Comp. 170; larg. 55 cm (dobrado)
Coleção Particular



De algodão, de fiação manual, tingido com corantes naturais; tubular constituído por quatro bandas cosidas entre si no sentido da urdidura, dobradas e unidas transversalmente; as duas bandas centrais têm listas de urdidura em azul escuro, ocre e creme, apresentado, cada uma, uma barra com decoração em ikat (tét. futus) de urdidura, sob fundo azul escuro, e seis barras ornadas com SSS e ondulados pelo processo da urdidura suplementar; as bandas laterais, em azul escuro, são lisas, rematadas nas extremidades com uma série de XXX de trama suplementar.

70 Pano de uso masculino (tét. tais mane; ind. selimut)

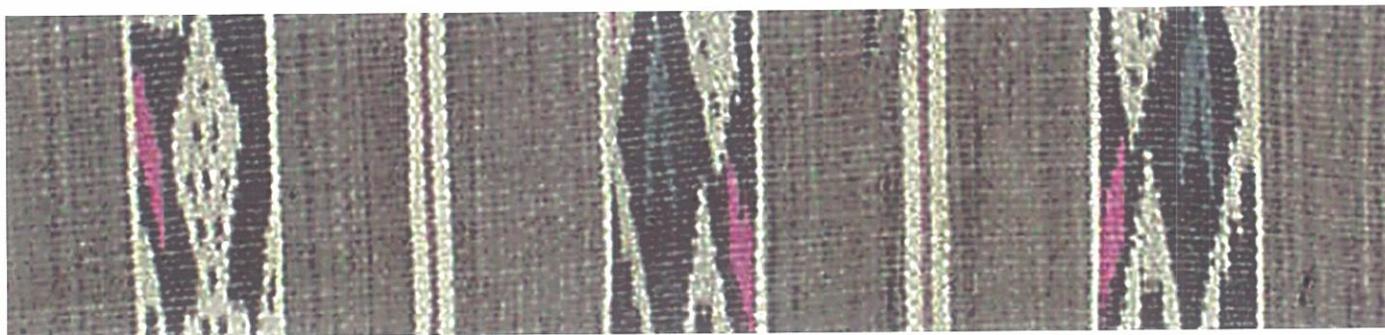
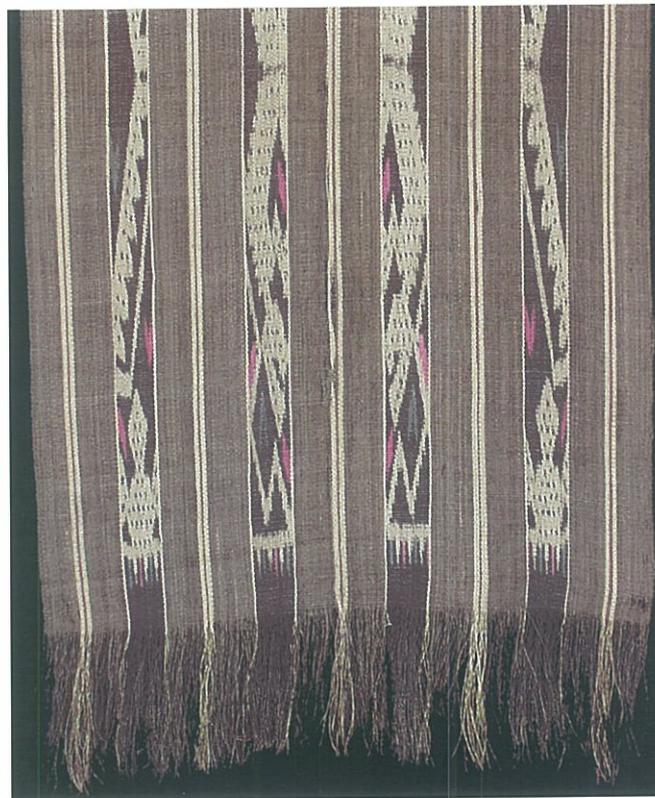
Timor (?); séc. XX

Dimensões Comp. 240; larg. 64 cm

Colecção Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2000)

De fibra de folha de palmeira acadiro (tét. ai acadirum; bot. *Borassus flabellifer*), de fição manual, tingido com corantes químicos; constituído por uma banda franjada, apresenta quatro barras ornadas, pelo processo do ikat de urdidura, com crocodilos estilizados sob fundo negro.

Não existem informações sobre o fabrico deste tipo têxteis, aliás pouco frequentes em colecções de museus, em Timor. Segundo Vroklage (1952, p.160), nos anos quarenta do século passado, a utilização de fibras de plantas para confecção de tecidos estava completamente tinda sido completamente substituída pelo algodão na região dos Belu. O fabrico deste tipo de panos permaneceu na ilha vizinha de Roti (Yeager/Jacobson 1987, p. 51, n.4), podendo a peça exposta ter tal procedência. Contudo, a representação do crocodilo neste pano é muito similar a outra recolhida por Cinatti (1987, p. 158, n.º 102) de um pano de Timor Oriental, o que poderá favorecer a sua atribuição a este território.



Armamento

As espadas rituais são uma peça fundamental na construção do prestígio simbólico masculino. Ciosamente guardadas, transmitidas de geração em geração, as culturas tradicionais timorenses acreditam que estas espadas estão providas de poderes sobrenaturais e sagrados que pautam o destino das pessoas e das comunidades. Muito raramente utilizado para fins bélicos, o surik é um objecto de aparato que se destaca nas trocas cerimoniais de casamentos e alianças entre linhagens. A lâmina dita da antiguidade da espada e o seu cabo organiza a simbolização do prestígio.



71 Espada (tét. surik)

Timor Leste; séc. XIX/XX

Dimensões Comp. 67,5; larg. 55 cm (dobrado)

Colecção Reitoria da Universidade do Porto (2001)

De chifre de búfalo e pelo de crina de cavalo (punho), ferro (lâmina), madeira e fita de rotim (bainha); punho com remate de forma triangular, ornado por tufos de crina (apenas subsistem vestígios) com motivos geométricos gravados e esculpidos, onde sobressai um “olho” central, sugerindo a figuração de uma cabeça de cavalo estilizada; a lâmina recta, encabada por espigão, tem um gume e alarga em direcção à ponta; a bainha é feita por duas partes de madeira unidas por uma fita de rotim, terminando em forma de bico.

Esta peça apresenta uma pátina negra, muito espessa, que indicia o seu armazenamento, durante muitos anos, num dos compartimentos existentes na cobertura de uma casa sagrada, zona onde se concentrava o fumo da lareira.

